

# PROBLEMAS QUE IMPEDEM O CRESCIMENTO DA IGREJA\*

A.R. Tippet\*\*

## Possessões Não Possuídas

Tomemos a idéia de “possuir a terra prometida”, idéia essa que ocorre por todo o livro de Deuteronômio – ela é mencionada mais de cinquenta vezes. Para este fim é que eles saíram do Egito (Êx 3.7-8), e a posse de Canaã era uma promessa divina (Dt 30.5 etc.). Prometido também era o equipamento moral para a tarefa de entrada (4.5; 6.1; 11.8 etc.). As promessas foram reiteradas em Horebe (1.8), em Cades-Barnéia (1.2), no vale de Bete-Peor (4.1), em Pisga (6.18; 8.1) e no final do Cântico de Moisés, onde a promessa foi transferida para a geração seguinte sob a liderança de Josué (32.45-47). Tudo o que restava fazer era cruzar o rio e possuir a terra (9.1-4; 11.31). Entretanto, por quanto tempo eles permaneceram no deserto? Era sempre Deus que lhes prometia a terra, reafirmando-lhes que esta era a Sua vontade; porém ela nunca seria realmente deles até que eles se pusessem em ação, até que saíssem em obediência para possuí-la? (15.5; 30.15-20).

Não se dá o mesmo com a nossa salvação? A batalha foi ganha na cruz; a promessa foi feita (1 Jo 1.9; Jo 3.16). Jesus pode salvar totalmente (Hb 7.25). A quem? A todos os que vêm a Deus por intermédio dEle. Ele morreu por nossos pecados e ressurgiu para nossa justificação (Rm 4.25); mas, embora esta nova vida seja nossa, entretanto não é nossa, a menos que nos apossemos dela: “Provém da Fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa.” A pessoa tem de aceitar sua possessão. Assim, disse Wesley: “Ousado eu me aproximo do trono eterno, e reclamo minha própria coroa, mediante Cristo.”

A terra não é possuída ao perambularem no deserto; é preciso atravessar o Jordão. Não se alcança a salvação por compreender uma doutrina intelectualmente; requer-se aceitação e experiência de posse.

Este é, também, o caso na missão cristã. Quando plantamos, cultivamos e capinamos o campo do Senhor, esperamos uma colheita – de outra sorte, com que alvo trabalhamos? No devido tempo Deus converte o grão verde em amarelo para a ceifa. A colheita, Ele dá, porém é nossa a tarefa de recolher. O campo ainda é o mundo, muito do qual está maduro para a colheita em nossos dias. A igreja deve

---

\* Este artigo foi publicado originalmente em português como capítulo III da obra *A Palavra de Deus e o Crescimento da Igreja* pela Editora Vida Nova (s/d), traduzida por Luiz Aparecido Caruso. O editor agradece a Editora Vida Nova a permissão para publicá-lo nesse periódico.

\*\*A. R. Tippet, Ph.D., foi professor do Fuller Theological Seminary.

apossar-se de sua ceifa, mas os ceifeiros são muito poucos. Recebemos instrução específica do Senhor nesta mesma imagem da ceifa – quando Ele enviou os setenta para suas próprias localidades a fim de efetuarem a colheita.

A ceifa não é a única figura deste tipo. Temos por exemplo, a vindima e a pesca. Seu denominador comum é que todas elas são potenciais, são promessas feitas por um Deus providente, mas ainda permanecem possessões irrealizadas, não possuídas, até que os ceifeiros, os viticultores ou pescadores tenham ajuntado sua colheita.

Um dos belos conceitos do Antigo Testamento, reconhecido pelo Novo, é a noção de herança. O Antigo Testamento contém mais de quatrocentas referências à herança. No Novo Testamento a encontramos nestas formas: “herdam as promessas” (Hb 6.12), “bênção por herança” (1 Pe 3.9), herdarão o reino de Deus” (1 Co 6.9-10; 15;50; Gl 5.21), “entrai na posse do reino que vos está preparado” (Mt 25.34) e “herdará a vida eterna” (Mt 19.29; Mc 10.17; Lc 10.25; 18.18). Evidentemente, pois, é da vontade de Deus que Seus filhos se tornem participantes “da herança dos santos” (Cl 1.12).

Esta última referência paulina prossegue para mostrar que o reino e a redenção nos pertencem mediante Cristo (vv. 13-14), mas estamos entregues a um ministério de pregar, advertir e ensinar, para que os homens possuam suas possessões e se tornem “perfeitos em Cristo” (v. 28). Para esta meta missionária o apóstolo se afadiga (v. 29). Parece-me que isto implica na consciência que tinha Paulo da trágica possibilidade de que alguns não se apossassem desta herança prometida, porque, ou deliberadamente eles a têm rejeitado, ou o pregador não a tem apresentado com suficiente urgência.

Uma seara deixada por tempo demasiado longo sem ser ceifada apodrecerá no campo. Passa o dia da oportunidade, conforme lamentou Jeremias em seu lamento profético: “Por que me provocam à ira com as suas imagens de escultura, com os ídolos dos estrangeiros? Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos.” (Jr 8.19-20; cf. J1 1.10-12).

Por causa das oportunidades perdidas, Jesus chorou sobre Jerusalém: “Quantas vezes quis eu reunir teus filhos... e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta...” (Lc 13.34-35).

É por causa desta trágica possibilidade, a possibilidade que há em nossos dias de que os homens pelos quais Cristo morreu ainda possam perder-se, que a missão cristã ainda é uma necessidade urgente. Depois que Jesus morreu na cruz e ressuscitou com poder, Ele enviou seus seguidores até os confins da Terra, para que em toda parte os homens possam ouvir e possuir o que agora era deles. Esta comissão nunca foi completada ou revogada. Sua própria missão na Terra era buscar e salvar o perdido (Lc 19.10). Ele transmitiu esta tarefa aos seus seguidores (Jo 20.21) nos termos de Sua própria missão e lhes deu o Espírito Santo para ajudá-los a desempenhar este papel (v. 22).

Não podemos fugir ao fato que a Bíblia reconhece a perdição do homem, a menos que ele se aposses de suas possessões. Nas visões dos últimos dias, o anjo de

Deus chama seu povo no clamor contra Babilônia: “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos” (Ap 18.4). Podemos sentir fortemente a tragédia da perdição do homem.

Vivemos numa época quando milhões de pessoas animistas estão mudando de religião. A Igreja é chamada não meramente para uma presença cristã, mas para uma missão específica, positiva, de conquistar as nações (*panta ta ethné*). Para passar da comissão (Mt 28.19) à consumação, está no poder do Cordeiro morto (Ap 5.6) que os “sete espíritos de Deus”, as igrejas, sejam “enviados por toda a terra”, e, nesta sua vitória, que o cântico de redenção seja entoado pelos redimidos “de toda tribo, língua, povo e nação” (v. 9). Esta comunidade adoradora internacional e intertribal (7.9-17) na visão da consumação está perante nós como uma possessão a ser possuída.

Além do mais, a Grande Comissão é lançada em termos da Igreja, como a noiva de Cristo, e da ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.7-9). Os fiéis devem reunir-se ali. Mas, em contraste com este quadro está outro da tragédia dos perdidos (20.15). Se aceitamos a Bíblia como nossa regra de fé e prática, não podemos escapar a este fato.

A responsabilidade pela missão está formulada bem no fim do livro de Apocalipse em termos de convite, tanto quanto para dizer que esta é a última palavra de Deus acerca da situação do homem, pois nenhum homem pode fazer acréscimo a esta palavra (22.18). “O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem.” A noiva, ou a Igreja está envolvida no convite até o fim. Assim também está o convertido. A água da vida é de graça, mas aquele que está com sede deve vir e beber – *i. e.*, tomar posse de sua possessão (22.17). Bem no fim da Bíblia nos defrontamos com o convite do Evangelho e o desejo divino de que o homem o aceite.

### Obstruindo a Obra de Deus

Da trágica possibilidade das possessões não possuídas passamos para a igualmente trágica possibilidade da verdadeira obstrução da obra de Deus por agentes humanos.

Algumas pessoas partem do pressuposto que, como Deus é soberano, “o que será será” (como diz a canção popular); e que enquanto existirmos meramente como uma presença cristã no mundo, podemos deixar o restante com Ele. Isto, certamente, é confundir o *imediate* e o *último*, e menosprezar nossa responsabilidade como seus servos. Naturalmente, o fim último está com Deus, mas nesse meio tempo podemos ou ajudar ou estorvar seu propósito imediato. A obra de Deus aqui e agora neste mundo pode, por certo, ser obstruída por nossas atitudes. Se não for assim, uma grande dose de instrução nas Escrituras não tem razão de ser.

Consideremos por um momento a imagem de arder em chamas, cujo simbolismo tem sido usado de diversos modos nas Escrituras. A repetição freqüente da frase “fogo que não se apaga”, como símbolo do caráter final e totalidade do juízo tanto no Antigo como no Novo Testamento, lembra-nos que um fogo pode ser mantido ou apagado, pode arder ou morrer. Algumas vezes a Escritura encarece a importância de manter a luz ardendo e o perigo de extinguir-se o fogo. Nesta conexão, a queima pode ser usada como símbolo de nossa fé e serviço. Incenso, como símbolo da oração, e luz ardendo pode simbolizar a presença de Deus. Há muitos exemplos desta combustão no Antigo Testamento (e. g., 2 Cr 13.10-12) assim como no Novo Testamento (cf. Ap 4.5; 8.3-4; Lc 1.10). Foi o símbolo do chamado do profeta na sarça ardente (Êx 3.2) e da purificação de Isaias (Is 6.6). Nosso Senhor usou o simbolismo da luz acesa (Mt 5.15; 25.1-10; Lc 8.16), e mais tarde as lâmpadas foram o símbolo das igrejas cristãs dando testemunho no mundo (Ap 1.12 etc.).

Há dois aspectos distintivos do simbolismo de queimar no Novo Testamento:

(1) O fogo ardente é o símbolo do Espírito de Deus no mundo e na vida do homem. Quando o Senhor ressuscitado expunha as Escrituras aos discípulos no caminho para Emaús, Ele os introduziu na experiência do coração ardente (Lc 24.32). As línguas de fogo também foram o símbolo da experiência no Pentecostes (At 2.3).

(2) O discípulo tomado individualmente e a comunidade dos discípulos (a Igreja) são chamados para serem lâmpadas e, como lâmpadas, são responsáveis por iluminar a escuridão pelo ato de arder (Mt 5.14-16).

O fato tão freqüentemente menosprezado é a trágica possibilidade de que a chama se apague. Se consideramos esta chama ardendo como obra do Espírito em nosso meio ou nosso próprio papel de arder no Evangelho e no serviço cristão a chama deve ser mantida. Somos responsáveis.

A parábola das virgens néscias e das prudentes (Mt 25.1-13) salienta este ponto perfeitamente. Em contraste com o conceito de responsabilidade (manter em ordem as lâmpadas e estar pronto quando chega o momento de ação), nosso Senhor apresenta o quadro da irresponsabilidade (falha em manter em ordem as lâmpadas e falta de prontidão); outras foram excluídas – comunhão ou julgamento.

A mesma responsabilidade de rejeição sob o símbolo da lâmpada apagada se vê na advertência à igreja em Éfeso (Ap 2.5). Assim, a figura bíblica distingue entre o *imediate* e o *último*. Podemos estorvar a obra do Espírito, e desse modo nos expomos a juízo. Não reconhecemos o perigo enquanto primeiro não virmos a terrível possibilidade de ser a obra de Deus em nosso tempo e lugar realmente obstruída por nossas atitudes.

Desta maneira, Paulo adverte os tessalonicenses; “Não apagueis o Espírito” (1 Ts 5.19), e exorta os efésios: “Não entristeçais o Espírito de Deus” (Ef 4.30). Ele disse a mesma coisa de outras formas em outros lugares. Por exemplo, ele instou com os coríntios a suportar todas as coisas “para não criarmos qualquer obstáculo ao Evangelho de Cristo” (1 Co 9.12). Nem a idéia se confina ao Novo Testamento. O

salmista, considerando os rebeldes filhos de Israel no deserto, viu-os como retardando o programa do Senhor e disse; “Agravaram o Santo de Israel” (Sl 78.41).

Não nos resignemos à inevitabilidade de “o que será será”, mas lembremo-nos de que estamos envolvidos no programa do Senhor, e por nossas atitudes podemos apressar ou retardar o dia do Senhor. A esta altura compete aos que dentre nós são responsáveis pela programação missionária examinar continuamente nossos propósitos e métodos – a manutenção em ordem das lâmpadas confiadas a nosso cuidado. Este é um pressuposto básico de toda pesquisa de crescimento da igreja, de maneira que nossas deficiências não embarquem a queima.

### O Princípio da Localização Estratégica

A localização estratégica do esforço missionário e o emprego de recursos baseiam-se na lei de aceitação e rejeição, João declarou-o no prólogo de seu evangelho (1.11-12); alguns rejeitam, outros aceitam. A adoção na família de Deus é pela aceitação.

O Senhor formulou o princípio em suas instruções aos setenta (Lc 10.56; 8-11), onde a imagem está nos termos familiares de seara (v. 2), e o propósito do ensino é mostrar o juízo numa base de aceitação ou rejeição. A rejeição aos emissários do Senhor exige uma bem definida contra-rejeição aos rejeitadores, formulada em termos severos (vv. 10-11), e seguida por um “ai” bíblico (v. 13).

Jesus viu a missão de Israel em termos de aceitação, rejeição e juízo. Na parábola da vinha (Mt 21.37-38), Ele submeteu a parábola aos ouvintes para que eles dessem sua solução. Eles recomendaram uma mudança de estratégia (v. 41). Jesus interpretou a parábola: a herança da infiel nação de Israel seria dada à nação que produzisse fruto (v. 43). O conceito de Israel como o povo *escolhido* não implica em um certo favoritismo divino, conforme alguns pensam, mas numa oportunidade da graça, num chamamento que envolvia a suposição do papel de servo dentre as nações (Is 43.10). Foi o fato de haverem eles interpretado a si mesmos como objetos especiais do favor de Deus e rejeitado o papel de servo que os levou à sua própria rejeição (Mt 21.43).<sup>\*</sup> Na parábola das bodas (Mt 22.2-10), os convidados rejeitaram o convite para uma comunhão cheia de alegria. Portanto o convite foi feito a outro grupo – àquelas pessoas que se encontravam nas encruzilhadas dos caminhos (8-9).

A própria experiência do Senhor confirmou isto. Exceto quanto a umas poucas pessoas, seu trabalho era com Israel. A primeira aceitação superficial de Jesus por parte da multidão mais tarde virou rejeição. Somente um pequeno grupo permaneceu. A rejeição oficial veio no julgamento judaico e na influência judaica no

---

<sup>\*</sup> Rejeição aqui não se refere ao povo de Israel em geral, pois o Cristianismo foi, estabelecido inicialmente apenas entre os judeus. Seu líder espiritual (Jesus) e seus apóstolos eram judeus. Esta rejeição se refere a sua função missiológica na qualidade de Povo de Deus, por ter sido o Messias rejeitado pela liderança e por grande número de judeus comuns.

juízo romano. Após a ressurreição, as instruções do Senhor aos apóstolos tinham uma nova nota: Ir a *todas* as nações (Mt 28.19; Lc 24.47), ou por *todo* o mundo (Mc 16.15). O novo critério era “quem crer” (Mc 16.16-17). Os apóstolos foram comissionados para fazer a colheita, cujo símbolo é o batismo (Mt 28.19; Mc. 16.16). Israel tivera sua oportunidade, daí para a frente a oferta se estendia àqueles “que crerem”. O programa expandiu-se a partir de Jerusalém em círculos concêntricos, por toda a Judéia e Samaria, até os confins da Terra (At 1.8). Israel não ficou totalmente abandonada, porém ela teve de satisfazer à exigência da aceitação – e ainda tem.

Permaneceu um ramo judaico do Cristianismo, mas em sua maioria os judeus rejeitaram o Evangelho. Em Antioquia da Pisídia, Paulo se defrontou com grupos de rejeição e de aceitação (At 13.42 ss.). Ele se voltou dos judeus para os gentios, e a Igreja cresceu (vv. 48-49). Em Coríntio, onde Paulo já havia conquistado alguns judeus e gregos (18.1-4), ele fez outro esforço para ganhar os judeus (v. 5), porém seu esforço falhou. Ele os rejeitou como grupo (v. 6); somente uns poucos indivíduos receberam o evangelho e adoraram com os gregos. Paulo sempre estava pronto a falar a um grupo de anciãos ou numa sinagoga, para que alguns cressem. Em Roma, alguns creram (28.23); mas para aqueles que rejeitaram o Evangelho ele fez um dramático pronunciamento em termos de profecia (vv. 25-29), que o Evangelho que eles haviam rejeitado seria oferecido aos gentios, porque “eles o ouvirão” (v. 28).

Em cada uma dessas ocasiões o critério era a prontidão para ouvir, ou a disposição para aceitar o evangelho. Tendo encontrado mais disposição entre os gentios do que entre os judeus, Paulo se voltou das portas fechadas para as abertas.

Embora o apóstolo ministre em todos os lugares, ele é forçado a poupar seu tempo e esforço e voltar-se para as portas abertas para que “a sala do banquete fique repleta de convidados” (Mt 22.10). Paulo ficaria em qualquer localidade receptiva, mas, se as portas se fechassem contra ele em uma localidade, ele não ficaria ali batendo às portas indevidamente por muito tempo. Seu critério era a prontidão para crer. Ele buscava pessoas que reagissem favoravelmente, e ali ele lançava os fundamentos de uma igreja. Este método de trabalho missionário confirmava o que Jesus dissera aos setenta.

### Serviço e Missão

Se o estudo que acabamos de fazer nos dá uma nítida diretiva bíblica acerca do desenvolvimento, também ele levanta um problema. Por exemplo, o que devemos nós fazer num país de índole resistente, onde talvez haja lei contra a evangelização e onde os cristãos são tolerados apenas por causa dos serviços de assistência médica, agrícola ou educacional?

Há um pequeno corpo de ensino no Evangelho que tem algo a ver com este tipo de situação. Contudo, antes que passemos a examiná-lo, precisamos esclarecer um ponto a respeito do qual há considerável confusão na igreja atualmente. Aqui não estamos lidando de maneira alguma com a missão cristã. Este é um projeto de serviço, puro e simples. Ajudamos os enfermos, ensinamos aos ignorantes, e fazemos o bem a todos os homens. Este é nosso dever cristão. Fazemo-lo por causa da necessidade do nosso próximo, tanto no país como no exterior; e é uma reivindicação válida com relação aos recursos da Igreja. A teoria do crescimento da igreja reconhece esse fato como parte da maturidade ou aperfeiçoamento da Igreja, e quanto a este ponto não há argumento.

Contudo, embora a Bíblia reconheça a responsabilidade da Igreja pela prestação de serviço, ela não confunde *serviço* e *missão*; pois missão é, por definição, um testemunho com apelo para o veredicto, um processo de “fazer discípulos”.

A Bíblia reconhece a diferenciação de funções tanto no trabalho como no papel desempenhado dentro da Igreja. A Igreja primitiva atribuía e/ou aprovava a designação de pessoas para determinados tipos de especialização (Rm 12.4-8; Ef 4.11; 1 Co 12.4-30). Visto como havia confusão acerca de serviço e missão, deliberadamente se introduziu a especialização na Igreja primitiva. Um grupo de pessoas devotadas e inteligentes foi colocado à parte para especializar-se na prestação de serviço (At 6.2-3), de sorte que a pregação da Palavra não fosse perturbada. Isto não queria dizer que o diácono não poderia pregar, e que do evangelista não se esperava a prática de boas obras, porém cada um foi designado para uma tarefa específica, para que o ministério da Igreja pudesse ser total. A Igreja é responsável por encontrar recursos em dinheiro e homens para aplicá-los numa extensão total: serviço à Humanidade sem nenhuma expectativa de retribuição, e missão, uma colocação estratégica de recursos para proporcionar a melhor retribuição possível para o Reino de Deus. Um é o papel do servo, outro o papel do mordomo e do apóstolo.

A confusão surge quando alguns promotores da obra missionária definem *serviço* como *missão* e permitem que o serviço fique sozinho como um substituto da missão, roubando desta a exigência de um veredicto. O ponto de vista bíblico é que a expansão da Igreja necessita tanto de serviço como de missão. A idéia de que o serviço *per se* é missão, mesmo quando não há apelo para um pronunciamento, não é bíblica e o ponto de vista de crescimento da igreja lhe oferece resistência.

Na teoria do crescimento da Igreja dizemos que, se a Igreja serve a uma comunidade não responsiva sem nenhuma expectativa de crescimento e não faz nenhum apelo por decisão, e se ela reconhece que este é puramente um serviço de amor dos “ricos” para os “pobres”, este é um serviço honrado. Mas se esta agência de serviço designa esta mera presença cristã como missão e usa os recursos missionários em homens e dinheiro para este fim, quando um campo próximo está maduro para a ceifa e os ceifeiros são poucos, esta é uma péssima estratégia e uma péssima mordomia. O crescimento da igreja reconhece o projeto de serviço como

dever cristão e manifestação de crescimento em perfeição (maturidade). O crescimento da igreja se opõe a que o projeto de serviço receba publicidade como missão e canalize recursos da missão, visto como o serviço não substitui a missão no fato de não esforçar-se pela aceitação do evangelho. Quando ele rouba os recursos da missão, ele cai sob os critérios delineados por nosso Senhor e explicados no último capítulo.

A luz desse esclarecimento da situação, examinemos agora o projeto de serviço num país que proíbe a missão. Vendo que não há probabilidade de colheita, imagens tais como ceifar e pescar não nos oferecem solução. O campo simplesmente não está maduro para a ceifa. Contudo, talvez alguma ajuda possamos encontrar num pequeno corpo de ensino do Novo Testamento sobre o assunto de “vigiar”. Certos incidentes e parábolas sugerem que algumas vezes o cristão tem de vigiar e esperar.

Houve aquela hora sombria no período de profunda provação de Nosso Senhor quando Ele pediu a Seus seguidores selecionados que vigiassem. Eles falharam pessimamente com Ele e dessa forma O entristeceram (Mt 26.36-45; Mc 14.32-43). Em ambos casos esses relatos, e também em Lucas (21.36) e Marcos (13.35), Jesus instou com os discípulos que vigiassem e orassem. As ocasiões eram diferentes, porém havia um elemento comum de ordem didática: eles deviam estar prontos para qualquer coisa que pudesse sobrevir-lhes repentinamente. Eles foram chamados para uma vigília contínua de vigiar e orar.

Será que isto não tem significado para o pessoal envolvido em serviço cristão num país onde a evangelização é proibida com a ameaça de expulsão? Será que, pelo menos, uma pequena força deveria ser retida, vigiando e orando enquanto presta serviço, pronta para alertar a Igreja em geral aos primeiros sinais de quaisquer atitudes alteradas ou oportunidades para missão? Certamente isto estaria em linha com a parábola do Senhor a respeito das virgens néscias e das prudentes (Mt 25.1-13), onde de novo encontramos a ordem de vigiar (v. 13).

Mas, para ser exegeticamente justo, é preciso ressaltar que realmente essas advertências eram para os discípulos cristãos contra a tentação relacionada com sua espera pela volta do Senhor. Quando aplicamos a nosso presente assunto, conforme tenho sugerido, usamo-las alegoricamente. Tudo o que podemos realmente dizer é que este conceito de espera pela volta do Senhor *parece* dizer algo aos cristãos num país resistente, esperando que se abra uma porta para a missão. Quando isso acontece, pode acontecer sem aviso. Se estamos vigiando e orando, estaremos prontos para o fato quando ele acontecer.

Em qualquer caso, deveríamos ser honestos conosco mesmos. Os cristãos são “criados em Cristo Jesus para boas obras” (Ef 2.10), e orientados a servir “de boa vontade, como ao Senhor” (Ef 6.7). “Obras e amor e serviço” (Ap 2.19) é o que se espera tanto da Igreja como um corpo associado ou congregação, como do cristão tomado individualmente (At 9.36).

O que resulta de nossa análise é que o serviço social é serviço prestado aos homens como ao *Senhor*. Esta é uma reivindicação legítima sobre os recursos da

Igreja, mas quando ela devora os recursos destinados para missão, cai sob o julgamento da missão, conforme exposto na lei bíblica do desenvolvimento.